

A PROFESSORA POR TRÁS DA MÁSCARA: apontamentos sobre a realidade docente em tempos de pandemia

Adriana Gustavson Wilson¹
 Kelly Juliana da Silva Trennepohl²
 Daniela da Cruz Schneider³

Resumo: Este texto ocupa-se das dimensões, processos e percursos envolvidos no cotidiano docente feminino no contexto atual, qual seja, o estado de pandemia causado pelo surto de coronavírus. Com inspiração em leituras sobre feminismo, docência, arte e "arte como docência", alicerçadas na metodologia cartográfica, foi constituído um grupo de mulheres professoras. Em encontros organizados na forma de oficinas, foram partilhadas referências artísticas e teóricas-conceituais, evocando de modo subjetivo ser mulher, professora e artista. Textos, músicas, filmes, produções e proposições artísticas ofereciam pistas sobre recursos e linguagens expressivas, bem como que serviram de elemento disparador para conversas. As vivências trazidas após um ano de efetivo trabalho docente remoto, se fez presente nos relatos partilhados por todas nós, professorAs participantes e constituiu pontos de encontro entre elas. Esses pontos, nutridos por diferentes identidades, puderam demover o sentido e visibilizar do que se ocupa o *Ethos* da professorA.

Palavras-chave: Docência. Mulheres. Pandemia por covid-19.

THE TEACHER BEHIND THE MASK: notes on the teaching reality in times of pandemic

Abstract: This text deals with the dimensions, processes and pathways involved in the daily life of female teachers in the current context, that is, the state of pandemic caused by the outbreak of coronavirus. Inspired by readings on feminism, teaching, art and "art as teaching", based on cartographic methodology, a group of women teachers was formed. Together at this meeting, these "teachers" accessed some expressive references from the artistic context, which subjectively evoked being a woman, a teacher and an artist. Text, music, films, productions and artistic propositions offered clues about expressive resources and languages, as well as what served as a trigger for conversations. During three virtual meetings, reports were shared about the feminine and about teaching, as well as artistic experimentation from the teaching and pandemic daily life, seeking to elucidate and surface sensations. The experiences brought back after a year of effective remote teaching work were present in the reports shared by the participants and constituted meeting points between them. These points, nourished by different identities, were able to change the meaning and make visible what the teacher's *Ethos* is about.

Keywords: Teaching. Women. Pandemic for covid-19.

¹ Mestranda em Educação na linha de Artes em Contextos Educacionais - UERGS. Especialista em artes - UFPEL e em Gestão do Cuidado para uma Escola que Protege - UFSC. Graduada em Pedagogia - UFRGS e Fonoaudiologia - Centro Universitário Metodista - IPA. Grupo de Pesquisa e Estudos AFEE! Arte, Formação e Experimentações Estéticas. E-mail: adrigw@gmail.com.

² Mestra em educação na linha dos Estudos Culturais - ULBRA. Especialista em artes - UFPEL e em Educação Infantil - UNISINOS. Licenciada em pedagogia - ULBRA. Grupo de Pesquisa e Estudos AFEE! Arte, Formação e Experimentações Estéticas. E-mail: kellytrennepohl@gmail.com.

³ Doutora em Educação (UFPe/2018). Licenciada em Artes Visuais. Professora Adjunta na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), no Instituto de Letras e Artes (ILA), nos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Artes Visuais. Grupo de Pesquisa e Estudos AFEE! Arte, Formação e Experimentações Estéticas. E-mail: danic.schneider@gmail.com.

EL MAESTRO DETRÁS DE LA MÁSCARA: apuntes sobre la realidad de la enseñanza en tiempos de pandemia

Resumen: Este texto aborda las dimensiones, procesos y trayectorias involucradas en la vida cotidiana de las profesoras en el contexto actual, es decir, el estado de pandemia provocado por el brote de coronavirus. Inspirándose en lecturas sobre feminismo, enseñanza, arte y "el arte como enseñanza", basadas en la metodología cartográfica, se formó un grupo de maestras. Juntas en este encuentro, estas "maestras" accedieron a algunas referencias expresivas del contexto artístico, que evocaban subjetivamente ser mujer, maestra y artista. El texto, la música, el cine, las producciones y las propuestas artísticas ofrecieron pistas sobre los recursos expresivos y los lenguajes, así como lo que sirvió como elemento detonante de las conversaciones. Durante tres encuentros virtuales se compartieron reportajes sobre lo femenino y sobre la docencia, así como la experimentación artística desde la docencia y la cotidianidad pandémica, buscando dilucidar y aflorar sensaciones. Las experiencias recogidas después de un año de eficaz trabajo de enseñanza a distancia estuvieron presentes en los informes compartidos por todos los docentes participantes y constituyeron puntos de encuentro entre ellos. Estos puntos, alimentados por distintas identidades, lograron cambiar el significado y visibilizar de qué se trata el Ethos del docente.

Palabras llave: Docencia. Mujeres. Pandemia por covid-19.

Considerações iniciais: uma de nós entre tantas...

Ah minha Criatura admirável... Seja bem-vinda... Entre, entre... Estou esperando por você... é, por você e pelo seu espírito! Fico feliz por você ter conseguido encontrar o caminho... Venha, sente-se comigo um pouco. Pronto, vamos fazer uma pausa, deixando de lado todos os nossos "inúmeros afazeres". Haverá tempo suficiente para todos eles mais tarde. Em um dia distante, quando chegarmos às portas do paraíso, posso lhe garantir que ninguém vai nos perguntar se limpamos bem as rachaduras na calçada. O que é mais provável é que no portal do paraíso queiram saber com que intensidade escolhemos viver; não por quantas "ninharias de grande importância" nos deixamos dominar. (...) Venha, experimente essa poltrona. Acho que é perfeita para o seu corpo querido. Pronto. Agora, respire bem fundo... deixe os ombros caírem até o ponto que lhes seja natural. Não é bom poder respirar esse ar puro? Respire fundo mais uma vez. Vamos... Eu espero... Viu? Está mais calma, mais presente agora. Preparei a lareira perfeita para nós. O fogo vai durar a noite inteira — suficiente para todas as nossas "histórias dentro de histórias". Um momentinho só, enquanto termino de lavar a mesa com menta fresca. Pronto, vamos usar a louça bonita. Vamos beber o que estávamos reservando para "uma ocasião especial". Sem dúvida, "uma ocasião especial" é qualquer ocasião à qual a alma esteja presente. Você já percebeu? "Reservar" para outra hora é o jeito que o ego tem de dizer, rabugento, que não acredita que a alma mereça prazer no dia-a-dia. Mas ela merece, de verdade. A alma sem dúvida merece. Por isso vamos nos sentar um pouco, comadre, só nós duas... e o espírito que se forma sempre que duas almas ou mais se reúnem com apreço mútuo, sempre que duas

mulheres ou mais falam de “assuntos que importam de verdade”. Aqui, neste refúgio afastado, permite-se... e espera-se que a alma diga o que pensa. Aqui sua alma estará em boa companhia. Posso garantir-lhe que, ao contrário de muitas no mundo lá fora, aqui sua alma está em segurança. Fique tranquila, comadre, sua alma está a salvo. (ESTÉS, 2011, p. 1).

Deixar de lado “Inúmeros afazeres”. Acreditar que “Haverá tempo para todos eles mais tarde”. Qual professora já não almejou isso?! Sobretudo *elas*, pois quando se trata de falar de docência, não há como negar que estamos falando de uma profissão vastamente “dominada” por mulheres. Domínio esse que não garante em nada qualquer diligência efetiva sobre o campo em que se situa, a educação em nossa sociedade.

Como Clarissa Pinkola Estés, esse texto convida a fazer uma pausa para um encontro. Um encontro que, para as autoras, se inicia em uma caminhada formativa em artes visuais e em interesse pessoal de pesquisa, que se materializa na criação e proposição de um grupo de professoras reunidas para “dar um tempo”. Sim, “marcar um encontro” e “dar um tempo” são operações difíceis, sobretudo, quando falamos de professoras e mulheres. Mas é para falar de um “bom encontro” entre professorAs e do que e quem ocupa, um “tempo de existência”, que esse texto foi escrito.

Na mitologia grega existe dois deuses que apresentam uma perspectiva interessante sobre o tempo e que trazemos aqui também como metáfora: são eles *Chronos* e *Kairós*. *Chronos* personifica o “tempo calculado, aquele subordinado ao relógio e do qual não conseguimos fugir facilmente” enquanto que, *Kairós*, “é a qualidade do tempo vivido” (PEDRONI, 2014, p. 246). *Kairós* oferece, nessa reflexão sobre ser professorA, esse tempo apartado do cronológico, um “tempo oportuno” e “memorável”. Por oportuno entendemos aqui um momento gentil e de auto escuta; e, por memorável, não apenas um tempo para ser guardado na memória, mas aquele que faz emergir pelo diálogo as memórias do ser mulher e professora. Nesse tempo retirado — no sentido de retiro, de refúgio do mundo — ao interagir com pequenas experiências criativas e compor algumas materialidades que possam mapear pontos de encontro significativos e, quem sabe, produzir efeitos e movimentos nesse tempo ditado pelo relógio

A partir da abordagem metodológica da cartografia, caminhamos com esse grupo compartilhando e desenhando algumas leituras possíveis acerca da posição de professorAs que ocupamos e nos faz no mundo. A cartografia não é tratada aqui apenas como metodologia de pesquisa, mas por um modo de nos conduzirmos enquanto mulheres que propõe um grupo de

exercícios e experimentações de si com outras mulheres. Assim, a compreensão que matiza os movimentos cartográficos aqui a tomam como:

Um método não é um caminho para saber sobre as coisas do mundo, mas um modo de pensamento que se desdobra acerca delas e que as toma como testemunhos de uma questão: a potência do pensamento. A cartografia é uma figura sinuosa, que se adapta aos acidentes do terreno, uma figura do desvio, do rodeio, da divagação, da extravagância, da exploração. (OLIVEIRA; PARAÍSO, 2012, p. 163).

Mapas: marcas de movimentos: “pensar diferentemente do que se pensa e perceber diferentemente do que se vê [...] explorar o que pode ser mudado, no seu próprio pensamento, através de um exercício de um saber que lhe é estranho” (FOUCAULT, 1994, p. 15). Não se trataria de desvelar a verdade. Antes, turbilhonar modos de ser e de se relacionar com mundo. Experimentar-se.

Esse texto versa sobre uma pesquisa com mulheres e entre mulheres professoras. Não assegura nenhum conhecimento, mas busca dar visibilidade para as emergências desses movimentos que se operaram nos territórios existenciais de cada uma. Assim, propõe um mapa de partilhas, em que aquelas que são chamadas de pesquisadoras, são igualmente mulheres-professoras-na-pele e... mascaradas. As partilhas que compõem o texto e interditam o fluxo das composições com a teoria são identificadas pela posição de sujeito que conjuga a todas como professorAs. Com A maiúsculo, para destaque, porque se trata aqui de uma questão de gênero.

Assume-se o lugar do desdobrar-se, fazendo as perguntas de Fischer ressoar alguns indícios de mapa:

[...] até que ponto nos deixamos efetivamente transformar? Até que ponto aceitamos modificar nossas certezas consoladoras? Em que medida revolucionamos nossa alma, deixando-nos liberar o pensamento daquilo que já está ali instalado, pensado, silenciosamente, para ir adiante, convergir a rota, abandonar a serena atitude de quem legitima o que já sabe. (FISCHER, 2004, p. 78).

Compondo com certas clarividências de si e com um campo teórico interlocutor, a escrita deste texto assume-se próxima ao ensaio, a partir daquilo que propõe Larrosa (2004, p. 83):

[...] é o modo experimental do pensamento, o modo experimental de uma escrita que ainda pretende ser uma escrita pensante, pensativa, que ainda se produz como uma escrita que dá o que pensar; e o modo experimental por

último, da vida, de uma forma de vida que não renuncia a uma constante reflexão de si mesma, a uma permanente metamorfose. (LARROSA, 2004, p. 83):

Ensaia-se, por ser essa uma forma de garantir a provisoriedade necessária ao exercício de uma atitude de diferenciação, atitude urgente para movimentar processos de naturalização em torno das mulheres e da docência como profissão feminina.

Um assunto esgotado ou professorAs esgotadas: ferida aberta sob a máscara

O presente estado de emergência em que literalmente, imerge os professores, os enfrentamentos constantes com a possibilidade de retorno presencial sem as condições mínimas de segurança sanitária e os desafios impostos pelas dificuldades de desenvolverem suas atividades pedagógicas fazem com que os professores se fragilizem e adoçam. A quarentena e o excesso de tarefas, o envolvimento com as aulas online (além dos alertas contínuos de mensagens por redes sociais), os leva ao esgotamento físico e mental. (ZAMPERETTI, 2021, p. 43).

Maria Ondina Vieira Ferreira (2015, p. 157) em seu artigo *Feminização e ‘natureza’ do trabalho docente: Breve reflexão em dois tempos*, apresenta a perspectiva apontada por Enguita, em que sinaliza “a docência uma semiprofissão, situando o professorado numa situação instável entre a profissionalização e a proletarização”. Neste lugar, a professora teria atributos profissionais, porém insuficientes para regulá-lo à autonomia, gerência, habilitação e vocação típicas dos profissionais liberais. A autora contribui lembrando que é interessante “notar que várias categorias indicadas como semiprofissionais são formadas majoritariamente por mulheres” (Ferreira, M.O.V., 2015, p. 157). Começamos aqui a caracterizar uma profissão que, sem dúvida, precisa ser olhada sob a ótica das relações de gênero. O que isso tem a ver com a precarização da educação ou seu esgotamento? Como isso impacta profissional e subjetivamente a docente?

Ser docente, de diferentes níveis, principalmente da educação básica, é uma tarefa imprescindível em seu propósito. Porém, situações de todas as ordens, principalmente estruturais, têm gerado um adoecimento da categoria docente, condições que se agravaram consideravelmente no atual estado de pandemia e isolamento social em que nos encontramos.

Pesquisas recentes (MENDONÇA, 2020; KOHAN, 2020; BOTTENTUIT JUNIOR; SILVA; MENDES; COSTA; ALBUQUERQUE, 2020) destacam as dificuldades pelas quais

docentes, em diferentes níveis de ensino, vêm enfrentando. Centram-se fortemente em fatores de ordem prática, como o domínio de ferramentas digitais por parte dos professores e dos alunos, visto que a educação, na maioria das escolas públicas, ainda se valia da utilização de ferramentas básicas como caderno, quadro e giz.

Uma vez que as aulas passaram — sem aviso prévio — a acontecer de forma remota, as docentes se viram em uma corrida contra o tempo para dominar o uso das ferramentas oferecidas pelas diferentes plataformas e ambientes virtuais de aprendizagem (google), bem como inovar em suas aulas com o uso de editores de vídeo e foto. Tendo que tornar-se, na velocidade da luz, uma espécie de professora *influencer* digital, garantindo participação desde uma lógica de mercado virtual.

Citando Nóvoa e Alvin, Zamperetti defende que:

[...] nada é novo, mas tudo mudou' com a pandemia – sim, pois os professores continuam com sua rotina extenuante, com seus salários parcelados, redundando em franca desvalorização do seu trabalho – mas 'tudo mudou', pois a situação se tornou aguda e sintomática em função das modificações nas formas de ensinar e aprender, mediadas remotamente por *smartphones* e computadores. (ZAMPERETTI, 2021, p. 42).

Outra dificuldade enfrentada pelos docentes refere-se às mudanças da dimensão espaço-tempo. A jornada de trabalho que já era longa, devido a necessidade ampliar a carga horária de trabalho em função da baixa remuneração, se agrava ainda mais no momento que se misturam aos fazeres e tempos profissionais com os fazeres e tempos domésticos. Isso torna-se ainda mais preocupante, uma vez que o magistério é uma categoria composta principalmente por mulheres.

A desigualdade de gênero foi evidenciada neste período, mostrando que as mulheres são, na maioria das vezes, responsáveis pelos cuidados da casa, por auxiliar na educação escolar dos filhos, ao mesmo tempo em que cumprem suas tarefas profissionais. Nesse contexto, em que a aula invade a vida doméstica e a vida doméstica invade a aula, os tempos e espaços condensam-se, sem muitas possibilidades de linha de fuga para os docentes, principalmente as mulheres.

Diante do que foi exposto e por nosso direto envolvimento neste contexto, consideramos a arte uma possível forma de elaborar e significar os processos, em curso e vivenciados. Explorar as materialidades desse cotidiano docente virtual, revisitando os percursos diários no

ambiente da casa e da escola. Percursos que ora se cruzam, ora se fundem, ora concorrem, ora se distanciam completamente, mas que contam sobre o ofício do magistério feminino e podem se desdobrar em uma poética desse cotidiano caótico e quem sabe em uma linha de fuga (DELEUZE; GUATTARI, 1996).

Para esses filósofos somos atravessadas e constituídas por linhas: linhas duras, linhas maleáveis e linhas de fuga. As linhas duras são aquelas predeterminadas, que normalmente estão relacionadas com as questões de identidade e podem ser entendidas como territórios constituídos, dados e normalizados; já as linhas maleáveis são pequenos desvios que acontecem nesse território, estão ligadas às características que são subjetivas a cada uma, e, por último, as linhas de fuga são de natureza criativa e subversiva, capazes de criar outras paisagens cartográficas.

Quanto às linhas de fuga, estas não consistem nunca em fugir do mundo, mas antes em fazê-lo fugir, como se estoura um cano, e não há sistema social que não fuja/escape por todas as extremidades, mesmo se seus segmentos não param de se endurecer para vedar as linhas de fuga. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 85).

O método da cartografia operou como uma ferramenta, possibilitando mapear e problematizar a constituição de alguns processos de subjetivação. Nos possibilitou desdobrar camadas do fazer docente, muitas vezes invisibilizadas pelos processos de naturalização de posições de sujeito. Leia-se: as nuances do feminino e as implicações de ser mulher/professora.

Nosso território de pesquisa, assim, foi composto de três encontros virtuais, entre seis professoras convidadas e as duas professoras pesquisadoras. Os encontros ocorreram nas três últimas semanas do mês de setembro de 2021 e em cada um deles foi proposto um exercício poético, explorando diferentes materialidades.

Neste ensaio, compartilhamos algumas das reflexões, dos desabafos e das proposições possíveis nos três encontros entre professoras. E, sobremaneira, um encontro pessoal com a mulher possível adormecida de cada uma. Essa mulher que por vezes é deixada em segundo plano, que não consegue se fazer aparente, que fica soterrada sob as muitas camadas que compõem o feminino.

Reconhecendo o terreno: pistas de quem somos

O primeiro movimento foi compor uma fogueira. Um lugar que pudesse se estabelecer enquanto um entorno: um grupo em aplicativo de trocas de mensagem nomeado *Profe na pele*. O nome já era suficiente, mas optamos por começar com a apresentação do objetivo dos encontros e acolhendo as colaborações para estruturar essa fogueira.

Paralelamente foi criado um perfil no Instagram, *@profenapele*, com o intuito de ampliar o espaço de reflexão divulgando a proposta e convidando outras pessoas a participarem opinando e realizando os exercícios poéticos. Também foi encaminhado antes do primeiro encontro o artigo *#Fique em casa: elas sempre estiveram lá, para leitura prévia*⁴, sendo disparador para o nosso primeiro encontro.

No entanto, ressoou ao longo de toda a trajetória, pois trouxe a problematização acerca da relação da mulher com a casa, chamando a atenção para o fato de que as mulheres sempre estiveram em *home office*, mesmo antes da pandemia. O texto criou condições para abrir uma conversa, amparada pelo franco falar, propondo-se como espaço de escuta. Engendrou-se ali um tempo e espaço para o cuidado de si, que ao mesmo tempo era cuidado da outra: lugar do coletivo, colaborativo e do acolhimento. Esse tempo que é negado às mulheres e que quando o fazem muitas vezes são mal-vistas e acusadas por estarem deixando algo para trás, seja o cuidado com os filhos, o cuidado com a casa, o trabalho da escola... É *Chronos* nos roubando *Kairós*!

As *Minibios*, nesse contexto, eram menos confissões de si. Foram propostas desde o exercício de desdobrar-se, dando visibilidade para aquilo que se julga pertinente ou, mesmo, da coragem das formas de si. E é certo: que aquilo que escolhemos de nós mesmas é reflexo de uma construção social. Essa construção social que foi feita para mulher, e aqui podemos incluir ser uma professora, papel que foi em determinado tempo associado a maternidade, a delicadeza, a paciência e doçura que uma mulher supostamente deve ter. A quem serve esse modo de subjetivação?

O que nos compõe enquanto mulheres e professoras? Quais descrições são comuns? Por quê?

⁴ In: <https://www.ufrgs.br/artevera/fiqueemcasa-elas-sempre-estiveram-la/>

Em primeiro lugar sou mãe, mãe do Paulo de 29 anos. Sou professora, amo a Educação Infantil, sempre amei, isso veio de uma madrinha que era professora na UFRGS, infelizmente se foi por causa do COVID. (professorA) Sou professora desde muito cedo, gosto do que eu faço, apesar de ter algumas crises na minha profissão, um super amor, daqui a pouco... ah que coisa, não dá certo, daqui a pouco ama de novo, uma montanha russa. (professorA)

Os dois relatos trazem um fato curioso: os primeiros aspectos que algumas de nós trouxe para falar de si estão ligados a representações costumeiras para as mulheres, aquelas ligadas às linhas duras. Destacamos esse aspecto, pois embora tivéssemos compartilhado as nossas *minibios* com enfoque diferente, centrado em características não costumeiras, muitas de nós tiveram dificuldade ou ainda deixaram em segundo plano as características ligadas aos gostos musicais, literários, ao tipo de lugares que gostam de frequentar entre outros aspectos ligados as linhas maleáveis. Essa característica na fala de nós todas pode estar relacionada aos movimentos que são feitos diariamente no cotidiano e que vão nos tornando quem somos, vão ditando que a maternidade, o amor ao magistério, a casa, a família devem vir em primeiro lugar. Diretamente relacionado a isso, segue a falta de tempo das mulheres para se ocuparem de si, uma vez que para dar conta de todas essas demandas não sobra tempo algum para o próprio lazer.

Algumas de nós mencionam o impacto da pandemia em suas vidas e rotina profissional, descrevendo emoções e mudanças.

O início ali foi muito difícil para mim, mês de abril do ano passado foi um mês dolorido para mim, eu chorei de medo, medo de tudo, porque eu sou do grupo de risco, naquela época tinha essa coisa do grupo de risco, agora a gente sabe que não é tanto assim, que todo mundo é do risco, mas depois as coisas foram melhorando. (professorA).

Irani Ferreira (2021) apresenta pesquisa conduzida pela equipe do neuropsicólogo Antônio de Pádua Serafim, do IPq (Instituto de Psiquiatria) do Hospital das Clínicas da FMUSP (Faculdade de Medicina da USP) que abordam o impacto da pandemia na saúde mental dos brasileiros. A pesquisa aponta que as mulheres foram as mais afetadas pela pandemia, apresentando sintomas de depressão, ansiedade e estresse. Embora esses dados não sejam em nada surpreendentes, diante do perfil social atribuído à mulher, “que concilia trabalhos domésticos e vida profissional”, e que mesmo sem o advento da pandemia já padecia dessas

mazelas, eles apresentam uma peculiaridade diretamente associada questão de gênero - para além dos papéis de esposa e mãe: “O sofrimento psíquico também atingiu quem morava sozinha e não tinha filhos” (FERREIRA, I. 2021). A professora que mais descreveu seus gostos, interesses e posicionamentos foi a professora que não tinha constituído uma família e que optou por não ter filhos. Mesmo assim também se descreveu sobrecarregada com as demandas profissionais e afetada pelas mudanças que a pandemia trouxe a todos nós.

Acabo de perceber o quanto os meus afetos estão conectados com a letra p de poesias, pizzas, perfumes, plantas, paz e papelaria. Ah, também sou professora, músicas, cafés, bom humor e boa conversa também me agradam em demasia. (professorA).

O trecho abaixo foi escolhido como disparador para tecermos uma conversa sobre o artigo recomendado como leitura prévia, e mais do que isso, para compartilharmos de que maneira ele nos afetou.

- Tenho saudades de minha casa, lá na Itália.
 - Também eu gostava de ter um lugarzinho meu, aonde eu pudesse me aconchegar.
 - Não tem, Ana?
 - Não tenho? Não temos, todas nós, as mulheres.
 - Como não?
 - Vocês homens, vêm para casa. Nós, somos a casa.
- (COUTO, 2005, p. s/p)

Quais foram as condições de tempo e de espaço para a leitura do artigo? O que cada uma teve que abandonar para poder dedicar um tempo para essa leitura também é um indicador de como é o cotidiano da mulher professora.

Se a mulher tirar um tempo para si, ela vai ser julgada. Ela não tá cuidando do filho, ela não tá cuidando da casa, não tá cuidando do marido, alguma coisa ela tá deixando de fazer. Por que isso né? (professorA).

Esse relato aparece no encontro a partir das nossas falas e partilhas, ao justificarmos que não tivemos muito tempo para ler o texto e uma nós, que leu na íntegra relatou que o fez com “culpa”, pois enquanto lia pensava nas outras tarefas que tinha para fazer. Ao mesmo tempo, se deu conta de que a leitura tratava exatamente sobre esse sentimento, de que a mulher ocupa um lugar de multitarefas e que ao mesmo tempo é julgada quando escolhe fazer algo que não seja para prover uma necessidade de outro.

bell hooks⁵ (2020, p. 68) escreve: “Quando as mulheres, em casa, dedicam todo o tempo a atender às necessidades dos outros, o lar é local de trabalho para ela, não é local de relaxamento, conforto e prazer”.

A gente sempre teve essa noção de que as mulheres são as donas da casa, mas não com essa noção que o texto traz. Com as imagens ficou muito mais claro para mim essa percepção de colocar o corpo na casa ou a casa no corpo, tudo se interligando faz muito sentido. Aquelas frases que a gente sempre usou: a casa da vó, é muito difícil ver uma criança dizendo eu vou na casa do vô. O ser mulher sempre tem relação com muitas questões, e não por nada que a gente sempre assume tantos papéis ao mesmo tempo. (professorA).

Assim como na partilha acima, algumas de nós se encontram na situação comum de prover muitas coisas, e de achar isso natural. A partir da nossa discussão sobre expressões comuns como a casa da mãe, a comida da mãe e da análise de algumas imagens, o grupo foi pensando junto em como essas situações são naturalizadas, mas também no quanto já avançamos como é possível perceber no relato abaixo:

Mesmo que sem saber né, nunca me considerei uma feminista, mas eu acabei fazendo escolhas, que eu não me deixei levar por coisas que eram o discurso comum, que era o fluxo normal da coisa, que era casar, ter filhos, aquela coisa toda. Não, eu fiz o que eu tinha vontade de fazer, a maternidade para mim nunca foi um desejo, nunca passou pela minha cabeça e eu me permiti viver isso, optei por não ter filhos e tá tudo certo. (professorA).

Esta fala nos faz perceber que mesmo indiretamente, para alguém que nunca leu ou se envolveu com as causas do feminismo, as lutas deste movimento se fazem ecoar, pois para que seja possível ter liberdade de escolha e de se permitir fugir da norma, muitas mulheres tiveram que batalhar por seus direitos de igualdade.

Como exercício poético propomos ao grupo a produção de uma *assemblage*⁶ utilizando como referência e inspiração os trabalhos desenvolvidos pelas artistas Bia Raposo e Letícia

⁵ A grafia do nome bell hooks é um pedido da própria autora, que cria um pseudônimo conjugando os nomes de sua mãe e avó. Pede para que a citemos grafado em minúsculo, uma vez que não quer que ressoe seu nome, mas aquilo que escreve. Assim, optamos pela demanda da autora.

⁶ “O termo origina-se do francês e significa montagem. Ao primeiro olhar, a assemblage pode parecer uma arte estranha. Na realidade, é um trabalho no qual o artista une objetos, por colagem ou encaixe, expressando o seu imaginário. Os objetos que fazem parte das obras permanecem em seu estado original, mas, unidos, parecem diferentes.” Fonte: <https://www.historiadasartes.com/olho-vivo/atelie/assemblage/>

Lampert, através de uma das suas produções intitulada *Escala de cor das coisas* (2009). Como chave desencadeadora para essa composição, convidamos à todas produzir o que chamamos de *imagem prolixa de si*⁷, em que, a partir de todas as discussões inauguradas naquela noite, fossem escolhidos objetos que fizessem parte do seu dia a dia e que ao mesmo tempo pudessem falar das coisas e sentimentos que as compõem. Essas produções foram fotografadas e compartilhadas no grupo de *whatsapp*. Como preparo para o encontro seguinte solicitamos que as professoras assistissem o filme *As horas* (2002), de Stephen Daldry, que, baseado na obra de Virgínia Woolf, apresenta a história atemporal de três mulheres que mesmo vivendo em épocas diferentes vivem dilemas semelhantes e que se relacionam a questões de gênero.

Mulher, mãe, mestra, magistério, malabarismo, máscara, mordança, mundana, musa, mutante... M de muitas

É preciso, então, ter coragem da própria palavra. Quando não afirmamos a nossa palavra, deixamos o espaço aberto para ser preenchido por palavras conferidas a nós. A palavra é disputa, uma vez que é discurso. E Foucault (1994) já nos ensinou que os discursos têm uma terrível materialidade: subjetividades. Ela é marca, que deixa marca não apenas naquilo que somos, mas porque produz aquilo que viemos a ser, nos diz dos modos como agimos com e em meio ao mundo. Ao afirmar a própria palavra, criamos os sentimos que se encarnam nos modos de nos conduzir.

No segundo encontro tivemos alguns movimentos no grupo, duas de nós que, por demandas pessoais, não compareceram. Mas tivemos a chegada de mais uma de nós que não pôde estar presente no primeiro encontro. Falamos um pouco sobre as *assemblages* produzidas e abordamos a temática da mulher na sociedade através dos filmes *As horas* e *Mother!* (DARREN ARONOFSKY, 2017). Também apresentamos um clip musical da novela *Carrossel* (1991) que tinha como tema a personagem Professora Helena. As *assemblages* foram apresentadas uma a uma e cada professora, ao seu modo, foi narrando um pouco de si através dos objetos e arranjos escolhidos. A exemplo do que pudemos observar na apresentação, todas

⁷ *Exercício para breve poética* que vem sendo exercitado pelo Grupo de Pesquisa AFEE! - Arte, Formação e Experimentações Estéticas (ILA/FURG).

trouxeram em suas produções algo que se referisse à docência. Também demonstraram interesse pela proposta relatando um envolvimento. “A semana foi uma loucurada, mas eu gostei muito de fazer a montagem. Adorei na verdade” (professorA). No entanto, nem todas conseguiram *Chronos* para *Kairós* na sua rotina para realizar o exercício. Uma de nós fez o seguinte relato:

Eu tô tentando fazer a minha foto ainda. Eu na verdade, eu não sei o que colocar nela. Tô num momento assim ... meia confusa sobre as coisas que falam de mim. Eu tô vindo de uma fase que eu tinha muita coisa para fazer e daí agora andaram surgindo demandas no trabalho que tão tomando conta de mim e não sei muito o que contar. Vou ter que pensar mais sobre isso. (professorA).

De forma geral, narram vivências do período de isolamento social e sobre o impacto da pandemia.

Figura 01 – imagem prolixa de si.



Fonte: acervo de professorA.

Representando assim, um pouco de tudo o que a gente tá tendo que se reinventar... coloquei um livro... servindo um pouco de embasamento...para tudo que a gente tem feito. Aquele vidrinho é um álcool em gel, sempre! Eu só não tô bebendo, mas o resto... Em especial nessa foto tem uma orquídea, que nunca antes na história dessa pessoa, ...floresceu. Precisou de uma pandemia (para que pela) primeira vez na minha vida uma orquídea (florescesse) na minha casa. Eu acho que vocês mereciam essa imagem! ... Eu fiquei bem feliz! (professorA).

Aqui, uma de nós compartilha algo positivo que pôde vivenciar na pandemia. Durante essa fala ela é interpelada por uma outra de nós que quis refletir com ela sobre o que poderia ter motivado a flor a florescer. Ela não consegue encontrar uma resposta objetiva, enumera hábitos e condições

de cuidado que segundo ela, não mudaram, mas ao fim traz como possibilidade para esse evento, que a mobilizou de forma tão intensa, que o fato de ela ter saído de um apartamento para morar em uma casa (professorA) de ter sido o elemento que condicionou a mudança. Independente das razões para o florescimento da orquídea, algo se dá nesse diálogo.

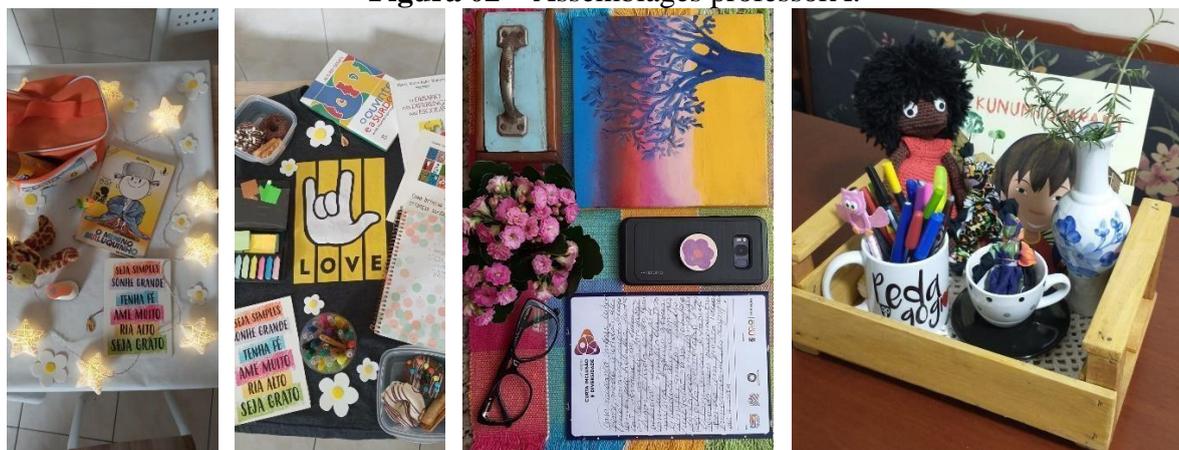
A professorA encontra um momento para pensar sobre o que toca e que talvez não tenha tido “tempo” para refletir ou mesmo o prazer de compartilhar com alguém. Não podemos fazer uma afirmação, mas enquanto professorA desse encontro reconhecemos algo que se conecta ao que a professorA anterior fala: esse “não saber”. Quantos “não saberes” são colocados em segundo plano no nosso cotidiano?

Outra de nós, ao falar da sua assemblage, traz uma reflexão bastante sensível:

Eu também não sabia o que selecionar...eu poderia ter feito uma torre de coisas que me representam, e, ao mesmo tempo, eu acho que tô vivendo um momento que não precisa de quase nada pra me representar. (professorA).

Nessa fala, uma de nós refere-se ao momento pessoal em que enfrenta algumas limitações impostas por uma doença. Para ela, a pandemia, não parece ter sido mais complexa do que as situações que ela já vem vivendo. A forma como aborda a possibilidade de representação, faz lembrar uma sensação muito concreta e presente no tempo em que vivemos. O excesso de imagens e identidades que nos rotulam é tão grande e ao mesmo tempo tão vazio, que aparentemente escolhemos as coisas mais acessíveis e nos enchemos delas. Mas essas “representações” são as nossas ou aquelas imantadas em nós?

Figura 02 – Assemblages professorA.



Fonte: Acervo (professorA).

Figura 03 – Mosaico de montagens fotográficas.



Fonte: Acervo (professorA).

Com relação aos filmes apresentados, prevaleceu entre nós os comentários perplexos sobre as circunstâncias desencadeadas pelas relações de gênero presentes nas diferentes histórias. Embora essas obras de ficção envolvessem mulheres em contextos e épocas diversas, o elo comum parece estar relacionado a um “fardo” que o status feminino parece conferir.

Algumas de nós descrevem assim sua experiência com os dois primeiros filmes:

“... Retrata a vida de mulheres que não vivem a vida delas. Não expressam o sentimento que elas sentem... vivem uma vida mascarada assim ...”(professorA).

“... imagina uma delas dizer que não estava feliz ali por ter uma família!” (professorA).

“Ela abandonou as crianças e tudo... mas que coragem...eu me senti angustiada diante daquela cena. Meu deus resolve... queria, pelo menos por ele.”(professorA).

A questão do julgamento é sempre muito forte.. se agente não se trabalha nesse sentido de respeitar...o que tá dentro de cada um é de cada um. O que cada um comporta, o que cada um suporta. (professorA).

“Ele (marido) viu ela, se apaixonou e, ele, planejou aquela vida para ela,... aquela vida “feliz” né. Mas parece que ele não perguntou...se aquela era “a vida feliz” para ela.” (professorA).

As palavras aqui aparecem reforçando muitos dos papéis sociais, culturais e morais atribuídos às mulheres. A posição de sujeito mulher-mãe que é colocado à frente de qualquer

coisa e que foge a nossa consciência. Isso fica evidente na primeira fala quando a (professorA) encerra dizendo: “Meu deus resolve... querida, pelo menos por ele”.

Com relação ao videoclipe que apresenta o tema da professora Helena, é feito um interessante debate que traça relações entre a professora e a professora-mãe:

A relação desse outro papel que a gente tem que ser professora que também é sempre né agora tá melhorando um pouco mais sempre relacionado com essa questão da maternagem né como se a gente tivesse um monte de filhinho ali e aquela relação de a gente leva isso para casa né a gente que medida a gente também se dedica tanto as horas para isso isso e acaba esquecendo um pouco do que a gente gosta para além de ser professora o que nos mobiliza o que nos movimenta para além de ser professora. (professorA).

Isso é tão cultural, porque quando a gente consegue se desvincular um pouco dessas questões da casa, ... logo vem um sentimento de culpa...porque parece que agente tá fugindo do padrão, não exatamente do padrão, mas do compromisso da responsabilidade. É uma coisa muito forte. (professorA).

Eu não sei se esse papel que se atribui a nós, professoras, de ser assim, a professora perfeita. Aquele ideal da professora Helena...também não passa pela culpa. Pela culpa das próprias mães, que precisam sair para trabalhar, e enfim, tem que deixar as crianças na escola. Para ... que ela não se sinta culpada ela precisa de uma outra mãe no lugar dela. ...daí ela se alivia ...ela delegou aquele papel a uma ...segunda mãe porque a gente ouviu isso, “a professora é a segunda mãe. (professorA).

Outro aspecto interessante abordado é o quanto o trabalho também é usado para evitar um movimento de mirada para si.

“Ela fica se distraíndo com várias coisas pra não olhar pra vida dela.” (professorA).

E, ainda, sobre o uso do tempo e sua domesticação:

Eu tenho pensado de um tempo para cá de que quanto mais a gente investe na gente né ... em leitura, em filme, em coisas que não se relacionam com Educação de crianças ... O quão interessante, mais criativa eu vou ficar se eu tiver me nutrindo com essas outras coisas que não têm a ver com criança. (professorA).

Se traçarmos um paralelo com as relações desenvolvidas entre a mãe e o filho e entre a professora e a criança, essa fala da professora parece ganhar força nessa afirmação de Estés (2011, p. 14): “Quando uma pessoa vive de verdade, todos os outros também vivem”.

Acrescentamos: sobretudo, se a pessoa for uma mulher!

Gostaríamos de destacar ainda uma palavra: musa. Ela foi colocada ali para lembrar de um outro modo de existência da mulher e que aparece apagado aqui nesses relatos. Esse lugar, que segundo o Dicionário Aulete Digital, fala de uma mulher em especial, “a amada, que é fonte de inspiração poética, esp. entre os românticos”. No nosso contexto social poderíamos agregar a essa definição algumas características que são vinculadas com frequência a esse termo: bela aparência física, juventude e submissão. Na mitologia grega, a Musa era uma das nove deusas que, pasmem, “presidiam as artes liberais”, aparentemente era colocada num lugar de comando e não na forma passiva com que constantemente é evocada ainda nas visualidades presentes em nossa cultura. “Essa mulher” que não aparece nos nossos relatos, já foi superada? Ou tem sido negada? Onde está a mulher que tem desejos e sexualidade?

Como materialidade desse encontro solicitamos que as professoras produzissem o que chamamos de uma “Alegoria da máscara”. Tendo como referência toda a discussão provocada pelas obras cinematográficas e por algumas proposições artísticas apresentadas no perfil no Instagram da artista Bárbara Ruas (@barbararuas), que tem um trabalho com papéis, muito significativo intitulado *Rasgos*, provocamos as professoras a criar uma máscara levando em conta sentimentos, sensações e ideias partilhadas no grupo.

Como proposição artística para nosso último encontro convidamos as professoras a produzir uma “Poética escrita da professorA”. Nós deveríamos eleger palavras que *afectam* e apresentá-las de forma poética podendo fazer uso da ideia de rizoma ou mapa mental. Afecção, aqui, desloca os sentidos da leitura de Spinoza por Deleuze (2002), em que afecções são propostas como marcas ou vestígios que um corpo deixa sobre outro, desde um encontro. A afecção é a passagem de um estado a outro, uma variação que se perfaz no si e que está ligada diretamente a nossa capacidade de ação. Spinoza (2009) afirma em sua *Ética*, que a afecção é o aumento ou a diminuição da nossa capacidade de agir. Ela se dá pelo encontro. Um bom encontro - a alegria - é aquele que aumenta nossa potência de agir e existir. O mau encontro é a posição extrema - a tristeza - que diminui nossa potência de ação. Os encontros entre nós buscavam esse sentido do encontro, buscando a afecção pela alegria, pelo aumento das potências de existir.

“Eu escolhi uma palavra, mas a gente se encontra na palavra de todas”

O terceiro encontro iniciou como uma conversa, um desabafo, um papo de amigas. Amigas professoras que trocam ideias sobre o seu cotidiano docente e pandêmico. O terceiro encontro foi o momento em que mais apareceram as questões do cotidiano docente, visto que nos outros dias nos concentraram mais nas questões do feminino.

Em nossa interpretação, baseada na escuta e leitura do perfil umas das outras, através de materiais enviados, a temática do feminino e principalmente do papel da mulher na sociedade capturou as professorAs como um canal que se abriu. Um canal que já existia, mas que apenas circundava, se fazia presente nas margens. As margens aqui podem ser representadas por notícias da mídia, personagens em voga como a figura de Frida Kahlo e estampas de camisetas.

A partir do momento em que um grupo de mulheres se encontram para pensar sobre e mediadas por disparadores artísticos e culturais, e sobretudo pela palavra da outra, o feminino e as questões caladas de cada uma saem da margem e se encontram.

Foi assim que nos percebemos e nos encontramos enredadas por discursos machistas e preconceituosos, que de forma sutil permeiam as relações em um mecanismo tão eficiente ao ponto de ser reforçado pelas próprias mulheres, como é o caso da “comida da mãe”. Também nos damos conta das lutas políticas feitas por mulheres do passado que nos deram a condição de poder falar e escrever sobre tal assunto nos dias de hoje.

Em se tratando de ser professora em um período de pandemia, uma de nós trouxe o seu relato ou melhor, o seu desabafo sobre o julgamento sofrido por colegas/mulheres com relação à sua condição de trabalho remoto decorrente da sua situação de saúde:

As pessoas pensam: Ah tu tá em casa, tu tá bem, mas eu tô aqui entupida de remédio. O dia que eu morrer o meu corpo vai ficar intacto, de tanto remédio sintético que eu tomo. Eu não escolhi ficar em casa, eu não escolhi gastar um monte de dinheiro pagando remédio. Eu preferia estar lá na escola com as crianças sendo feliz.

Eu tô com uma canseira, uma canseira e eu tô com medo que seja fadiga, que é o que a gente não pode deixar tomar conta do corpo da gente.

É isso, eu não vejo a hora de acabar esse ano, o coronavírus evaporar para eu respirar outros ares. (professorA).

Nos parece que houve um tempo na pandemia que as professoras foram julgadas e avaliadas em seu trabalho pela sociedade e que agora que a maioria já pode retornar para a

escola, o julgamento é feito pelos próprios pares. Aquelas que mesmo com a melhora do quadro epidêmico não puderam retornar estão em um lugar considerado “menor”, que é a casa. Trazendo de certa forma, embora em outra configuração, mais uma vez a ideia pejorativa com relação à mulher em home office. O *home office* que sempre existiu e o home office docente.

Ainda sobre as comparações, seguiu-se com uma conversa sobre as diferenças entre as redes municipais em que trabalhamos ou almejávamos trabalhar. Quais as vantagens e desvantagens de cada lugar e inclusive do serviço público? Mais especificamente, quais diferenças existem no nível de cobrança entre o público e o privado? O que significa ser uma professora “estável”? Esse desejo é atravessado por questões de descontentamento no atual ambiente de trabalho e também pelo desejo de diminuir o período de deslocamento:

Sim, os problemas existem em todos os lugares. Tu vai ter problema? Vai! Tu vai te incomodar? Vai! Mas tipo, tu não vai demorar duas horas para chegar na tua casa. Entendeu? Então tem, tem alguma coisa positiva. (professorA).

Qual é o impacto que duas horas a mais fazem na rotina de uma pessoa, e sobretudo de uma mulher? Se a maioria ainda ocupa esse lugar de provedora exclusiva das tarefas domésticas da casa, isso faz muita diferença. Ter um tempo a mais pode significar ter tempo de se olhar mais, ponderação que fizemos no grupo. Ter tempo de desacelerar e não fazer as coisas com culpa, algumas de nós falaram sobre o sentimento de fazer uma coisa pensando em outra, a difícil tarefa de fazer escolhas, onde geralmente ocupar-se de si não é a escolha feita. Para muitas professoras o início da pandemia abriu essa janela de tempo:

A nossa rede demorou para voltar e eu estava com medo, mas estava guardadinha em casa, então eu consegui fazer um monte de coisa. Eu não tinha ideia do que viria depois, porque quando voltou, voltou com tudo, voltou dando na cara da gente. (professorA).

A expressão “voltou com tudo” e “voltou dando na cara da gente” refere-se à mudança abrupta que tivemos na forma de realizar o nosso trabalho. Fomos surpreendidas com muitas demandas e ferramentas novas para dominar em pouco tempo e que eram imprescindíveis ao trabalho. Sendo assim, para nós e para muitas outras professorAs, no momento em que se estabeleceu um modo de lecionar remotamente, essa janela do tempo se fechou.

Para terminar o terceiro e último encontro procuramos palavras. Cada uma de nós

escolheu uma palavra para falar de si, não no sentido de uma palavra que nos define, mas a palavra como instante, como forma de compartilhar o que nos atravessa no momento em que estamos reunidas, em uma “ciranda” de mulheres. Quais são as palavras que emergem em um momento tão necessário e político como um encontro sobre ser mulher e ser docente?

Não por acaso as palavras ditas foram tempo, vontade, ócio, espaço, paz e respeito. Pediram lugar, abriram espaços. O que isso quer dizer? É sobre marcas do que é ser mulher e professora, é sobre uma categoria de ser humano e profissional, que precisa cavar espaço para a fruição, para o cuidado de si. Também podemos pensar que é sobre a necessidade de inventar linhas de fuga:

Outras devem ser inventadas, traçadas, sem nenhum modelo nem acaso: devemos inventar nossas linhas de fuga, se somos capazes disso, e só podemos inventá-las traçando-as efetivamente, na vida. As linhas de fuga - não será isso o mais difícil? Certos grupos, certas pessoas não as têm e não as terão jamais. Certos grupos, certas pessoas, não possuem essa espécie de linha, ou a perderam. (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 83).

Pensar nesses encontros, na sua urgência, e sobre o que propor em cada um deles, trazendo disparadores artísticos e guardando tempo suficiente para que todas nós pudéssemos falar foi como a construção de uma linha de fuga. Haja vista que, nenhuma de nós se considera feminista, no sentido de estarem apropriadas sobre este movimento e de possuírem leituras sobre tal temática, poder compartilhar as questões do cotidiano entre pares faz com que muitas práticas corriqueiras sejam desnaturalizadas.

Nesse contexto, reunir mulheres, é poder agir com “microinjeções, com infiltrações” (DELEUZE; GUATTARI, 2012), nessa linha dura que é a cultura patriarcal em que vivemos em nossas casas e em nossos locais de trabalho. Mesmo que de modos e intensidades diferentes, somos formadas e formatadas pela mesma linha dura, de modo que nos encontramos profundamente na palavra uma da outra: “Eu escolhi uma palavra, mas a gente se encontra na palavra de todas.”

O clipe da música Triste, Louca ou Má de Francisco, el Hombre também embalou nossas conversas nesse último dia, nos convidando a romper com os modos já conhecidos de habitar a casa. Nos provocamos a pensar sobre a música, sobre o que as definem ou não as definem mais, sobre as palavras ditas no encontro e sobre a possibilidade de poder pensar em em outras palavras/linhas que pudessem compor o seu rizoma. (Figura 04)

Figura 04 – Cartografia em Rizoma.



Fonte: Acervo (professorA).

[...] essas linhas não querem dizer nada. É uma questão de cartografia. Elas nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem penetrar uma na outra. Rizoma. (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 84)

Para nós, mais do que nunca ou finalmente, é importante pensar como nos diz a música mencionada, que é possível queimar o mapa e traçar de novo a estrada ou ainda refletir sobre “[...] quais são as suas próprias linhas, qual mapa você está fazendo e remanejando, qual linha abstrata você traçará, e a que preço, para você e para os outros?” (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 84).

O que dizer desse corpo “o culpado” (vazio/cheio/oculto/culpado)

Um ponto que ainda não abordamos e que antes de terminarmos essa “ciranda” nos parece importante refletir, foi a baixa participação na realização dos exercícios criativos de expressão. Não que esse fosse um aspecto essencial em nosso campo de pesquisa (embora já tivesse ocupado esse lugar), pois ao longo dessa cartografia sua dimensão foi ganhando outras formas que nos levaram a dar lugar e escuta a outras expressões e visualidades, que não aquelas que foram propostas. Mas ainda, sim continuou sendo um dado relevante e que nos provocou uma série de questionamentos.

Refletindo sobre a figura da docência artista (LOPONTE, 2005), traçamos algumas possíveis relações. Falas como “não sou artista” ou mesmo as justificativas de falta de tempo

podem estar relacionadas “ao lugar de especialista” que Luciana Loponte observa também no seu grupo de pesquisa quando essas se remetem à ela com posicionamentos de inaptidão criativa. Loponte aponta que “há um círculo vicioso que vem se repetindo. Estas professoras são produto desta mesma escola não-criativa, desta escola sem espaço para o “absurdo” (LOPONTE, 2005, p.20). A arte não pertence ao cotidiano e talvez em alguma medida esse fato possa se equiparar aos achados dessa cartografia, pois assim como as professoras parecem se esvaziar de si para ocupar-se de “outras(os)”, (de ocultar-se em suas máscaras), elas também não se colocam nesse lugar de criação.

Loponte (2005, p.20) segue: “nunca, na sua vida escolar e na sua própria vida profissional (às vezes, mais de 20 anos no magistério), alguém lhes disse que poderiam criar, inventar, pensar o diferente, pensar o impensável”. Pelo contrário, lhes foi dito o que fazer, para que fazer e como fazer arte. E esses comos e porquês pouco tinham relação com elas e idealizados tinham pouco alcance. Então, a potência da professora artista se esvazia, deixando a experimentação de si soterrada nos afazeres da vida domesticada.

Bourriaud (2009, p.59) nos provoca: "ao contrário do que se costuma pensar, não estamos saturados de imagens; estamos submetidos à escassez de certas imagens, que têm de ser produzidas contra a censura". Nos parece tão forte e representativa, pois apesar do acesso à diversas tentativas substanciais de romper questões de gênero e étnicas, para dar alguns exemplos. Ainda sim, consumimos as imagens padronizadas socialmente e buscamos nos incluir nessa sociedade através desses modelos, não conseguimos romper com a ditadura hegemônica que conforma corpos e formas de agir e viver

Embora já tenhamos passado por quase dois anos dessa condição surreal que a pandemia nos trouxe, e de estarmos habituadas com o contexto dos encontros e aulas virtuais, percebe-se que esse espaço de produção e significação material das discussões, quando relegado à uma ação solitária e assíncrona, parece diluir-se e se despotencializar. O encontro com o instante e com o espaço que a presença nos propicia é inegociável. No coletivo podemos ressignificar nossa prática e na “amizade” (LOPONTE, 2005) e confluir pensamentos e sensações.

Considerações finais

Afinal, qual era mesmo a proposição deste trabalho? Tratava-se de mapear as condições do trabalho remoto e os efeitos disso em um grupo de docentes. No entanto, além de qualquer delimitação, a pesquisa adentrou a dimensão afetiva. livres do sentimentalismo. Menos afetiva - devemos nos corrigir - *afectiva*, naquele modo que Deleuze já nos apresentou aqui. *Afectiva* porque tratou-se de potencializar um modo de [re]existir a partir de um grupo, que antes de qualquer coisa, propunha apenas a relação. para além de qualquer horizonte que uma pesquisa hermética, que busca os dados e suas análises, foi possível constituir um espaço para estar juntas. Um lugar que praticou e se constituiu por meio da palavra, com toda a sua honestidade. Em vídeo publicado pelo Estadão, Conceição Evaristo e outras mulheres líderes e pioneiras na produção cultural brasileira, no episódio “Deixa Ela Criar” (2021)⁸, nos brindam com alguns depoimentos e compartilham uma frase muito assertiva: “uma mulher precisa falar dez vezes para ser ouvida”, e cansa.

Nossa potência de agir aumenta, quando não apenas somos ouvidas, mas quando em meio às palavras de outras, encontramos nossas condições enquanto docentes, como mulheres... olhamos para a sobrecarga de modo desnaturalizado, compreendendo que se trata de uma questão de gênero, interseccionada ao âmbito político, econômico, social, enunciada por uma construção histórica, em que as mulheres são as donas de casa, mas não da casa! Mas, é desde a casa, do seu interior e de toda a sua materialidade discursiva que estas subjetividades se colocaram em contato, criando um lugar que extrapola os limites físicos do lar: deixemos nossos afazeres, que possamos nos colocar em torno de uma grande fogueira e que cuidemos de nós, entre nós... e umas das outras. Em frente às telas frias, a fogueira não é imaginária: ela é um modo de subjetivação. Ela é um convite à experimentação de si, que vai constituindo-se pela trama-ação das palavras fiadas entre umas e outras.

⁸ Publicado na Plataforma MSN em 11/03/2021. Duração: 05:54. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/saude/watch/deixa-ela-criar-uma-mulher-precisa-falar-dez-vezes-at%c3%a9-ser-ouvida/vp-BB1etLVz>

Referências

BORRIAUD, N. **Pós-produção: Como a arte reprograma o mundo contemporâneo**. Martins Editora Livraria Ltda, São Paulo, 2004.

BOTTENTUIT JUNIOR, J. B et al. Docência online em tempos de pandemia (COVID 19): um estudo exploratório sobre a prática docente. **Internacional Journal of Development Research**. v.10,10, 2020. Disponível em: < <https://bit.ly/3GrLIgG> >. Acesso em: 04 de dez. de 2021

COUTO, M. **O último voo do flamingo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

Deixa ela criar: Uma mulher precisa falar dez vezes até ser ouvida. **Estadão**. MSN. Publicado em 11/03/2021. Duração: 05:54 Disponível em: < <https://bit.ly/3ohkgPN> >. Acesso em 01 de fev. de 2022.

DELEUZE, G. **Espinosa – Filosofia Prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. G. **Mil Platôs**. São Paulo: Editora 34, v.3, 1996.

FERREIRA, I. Mulheres foram mais afetadas emocionalmente pela pandemia. **UOL**, 2021. Disponível em: <<https://bit.ly/3AUtBSK>> Acesso em: 01 de fev. de 2022.

FERREIRA, M. O. V. Feminização e “natureza” do trabalho docente - Breve reflexão em dois tempos. **Retratos da Escola**, [S. l.], v. 9, n. 16, p. 153–166, 2015. DOI: 10.22420/rde.v9i16.490. Disponível em: <<https://bit.ly/3GkU1xR>>. Acesso em: 1 fev. 2022.

FISCHER, R. M. B. **Escrita acadêmica: arte de assinar o que se lê**. IN: COSTA, Marisa Vorraber; BUJES, Maria Isabel Edelweiss. **Caminhos Investigativos III: riscos e possibilidades de pesquisar nas fronteiras**. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade** Org PASSOS. Porto Alegre: Sulina, p. 32-51,2009. Disponível em: <<https://bit.ly/3AS9uo1>>. Acesso em: 04 de dez. de 2021

KOHAN, W. O. **Formação inventiva de professores em tempos de pandemia: o que um louco lúcido nos convida a pensar e escrever?** **Mnemosine**. Parte especial. Artigos., v.16, nº1, p. 53-66. 2020. Disponível em: <<https://bit.ly/3GkU1xR>> . Acesso em: 04 de dez. de 2021

KOHAN, W. O. **O Mestre Inventor: Relatos de um viajante educador**. 1.ed. São Paulo: Autêntica, 2013.

LARROSA, J. B. O ensaio e a escrita acadêmica (Online). **Educação e Realidade**,p. 101-115, 2004. < <https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/25643> >. Acesso em: 04 de dez. de 2021

LOPONTE, L. G. **Docência artista: arte, estética de si e subjetividades femininas.** Porto Alegre: UFRGS, 2005a. 207 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

MENDONÇA, M.. Entrevista especial VIII - [Entrevista concedida a] Lara Albino et al. **O consoante.** Maringá, 03 de dez. 2020. Disponível em: < <http://oconsoante.com> >. Acesso em: 04 de dez. de 2021

OLIVEIRA, A. L. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da COVID-19. **Revista Tamoios**, 16: 154-166, 2020.

OLIVEIRA, T. R. M.; PARAÍSO, M. A. Mapas, dança, desenhos: a cartografia como método de pesquisa em educação. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 23, n. 3, p. 159–178, 2016. Disponível em: < <https://bit.ly/3gis4w4> > . Acesso em: 04 de dez. de 2021.

PEDRONI, F. CHRONOS E KAIRÓS. Determinações poéticas para o tempo vivido. **Revista do Colóquio de Arte e Pesquisa do PPGA-UFES**, v.3,n. 6, 2014. Disponível em: < <https://periodicos.ufes.br/index.php/colartes/article/view/7724> >. Acesso em: 04 de dez. de 2021

SPINOZA, B. **Ética.** Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ZAMPERETTI, M.P. Artes visuais e ensino remoto: paroxismo nas interações em tempos de pandemia. **Palíndromo**, v. 13, n. 29, p. 37-53, 2021. Disponível em: < <https://www.revistas.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/18977> >. Acesso em: 04 de dez. de 2021.

Submissão em: 27-11-2021

Aceito em: 03-02-2022